

## Rodrigo Melo Franco de Andrade

### Nota biográfica

Rodrigo Melo Franco de Andrade, fundador e durante 30 anos diretor da instituição federal de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, a 17 de agosto de 1898. Filho mais velho de Rodrigo Bretas de Andrade e Dália Melo Franco de Andrade, Rodrigo herdou de seus pais o gosto pelas letras e artes.

Seus primeiros estudos foram feitos em casa e no Ginásio Mineiro, de Belo Horizonte. Em Paris, no Lycée de Sully, fez o curso secundário. Durante esse período, em casa de seu tio Afonso Arinos, conviveu com personalidades das letras e da arte brasileira, como Graça Aranha, Tobias Monteiro e Alceu Amoroso Lima. De volta ao Brasil, dedicou-se ao curso de Direito, iniciado na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em razão de constantes mudanças, Rodrigo estudou ainda em Belo Horizonte e São Paulo, o que lhe deu a oportunidade de conhecer inúmeros intelectuais em evidência na época.

Nessa ocasião aproximou-se de grupos modernistas atuantes, amigos que manteve durante toda sua vida, e que foram muito importantes, como Aníbal Machado, que o estimulou na sua iniciação literária, Milton Campos, João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Abgar Renault e Oswald de Andrade, entre outros.

Rodrigo foi bancário, em São Paulo. No Rio de Janeiro, em 1919, já formado, trabalhou para o governo como oficial de gabinete da Inspetoria de Obras contra as Secas. Em 1921 iniciou sua atividade jornalística, colaborando em *O Dia*.

O movimento modernista de 1922 passou a ter mais um porta-voz quando Rodrigo aproximou-se de Mário de Andrade e quando, em 1926, tornou-se redator-chefe da *Revista do Brasil*, de Assis Chateaubriand, aliando-se à luta travada pelos artistas revolucionários de então.

Sua colaboração estendeu-se a outros jornais e revistas, como o *Estado de Minas*, *A Manhã*, *Diário da Noite*, *O Estado de São Paulo*, *O Cruzeiro*, *Diário Carioca* e *Módulo*. Trabalhou em *O Jornal*, onde chegou a diretor-presidente no período de 1928 a 1930. Ainda jovem, discorria sobre política, jornalismo e imprensa, atividade pública, educação, literatura, caricatura, humor e outros assuntos.



Paralelamente à sua carreira jornalística, Rodrigo trabalhou no escritório de advocacia de seus tios Afrânio e João de Melo Franco. Em 1930, já casado com Graciema Melo Franco de Andrade, foi convidado pelo primeiro ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, para ocupar a chefia de gabinete do Ministério, ocasião em que indicou o nome do arquiteto Lúcio Costa para diretor da Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1936, por indicação de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira, foi convidado pelo ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, para organizar e dirigir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A proteção dos bens patrimoniais do país passou a ser sua atividade principal, deixando em segundo plano a literatura, o jornalismo, a política e a advocacia.

A implantação do Serviço do Patrimônio exigiu o cumprimento de diferentes tarefas, como a redação de uma legislação específica, com a introdução da figura do tombamento, a preparação de técnicos e trabalhos na área, disputas judiciais, luta pela sobrevivência da repartição junto a políticos e governantes e a busca de uma consciência de preservação, em nível nacional.

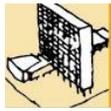
A ação decisiva de Rodrigo nesse sentido fez com que obtivesse o apoio e a admiração de todos os que com ele conviviam – funcionários, técnicos, especialistas brasileiros e estrangeiros, chefes de repartições e governos, representantes do povo etc.

Nos primeiros anos do SPHAN, Rodrigo contou com a colaboração de brasileiros ilustres, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Leão, Luís Jardim, José de Sousa Reis, Lúcio Costa, Edgar Jacinto da Silva, Renato Soeiro, Aírton Carvalho, Afonso Arinos de Melo Franco, Carlos Drummond de Andrade, Joaquim Cardoso, Gilberto Freire, Alcides da Rocha Miranda, Vinícius de Moraes, Celso Cunha, Arthur César Ferreira Reis, Sérgio Buarque de Holanda e muitos outros.

Formou-se uma equipe com pesquisadores, historiadores, juristas, arquitetos, engenheiros, conservadores, restauradores, mestres-de-obra, a quem Rodrigo transmitia seu entusiasmo e empenho incansável na defesa do patrimônio cultural do país.

O trabalho realizado por esses profissionais, sempre sob a meticulosa orientação de Rodrigo, foi enorme e fundamental. Foram realizados inventários, estudos e pesquisas, além de obras de conservação, consolidação e restauração de monumentos; organizou-se um arquivo de documentos e dados colhidos em arquivos públicos e particulares; reuniu-se valioso acervo fotográfico e estruturou-se uma biblioteca especializada; pinturas antigas, esculturas e documentos foram recuperados e inúmeros bens protegidos, com a criação de museus regionais e nacionais.

Outra grande preocupação de Rodrigo referia-se à divulgação desse trabalho. Para tanto, criou uma linha editorial dentro da instituição, onde destaca-se a **Revista do Patrimônio**, cuja primeiro número circulou ainda em 1937. Em 1997 foi lançada uma edição especial da publicação,



intitulada **60 anos – a Revista**, onde é republicado texto de Rodrigo sobre o programa do primeiro número.

O período em que Rodrigo esteve à frente da instituição de proteção ao patrimônio nacional, que vai de 1937 a 1967, ficou conhecido como *fase heróica*, refletindo a realidade do trabalho realizado. Os que o conheceram e com ele trabalharam afirmam que o envolvimento entre a pessoa e o serviço era tão grande, tornando-se impossível entender o Patrimônio sem conhecer e compreender a personalidade e a atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Rodrigo faleceu em 1969.

Compilado a partir da Notícia Biográfica, de Teresinha Marinho, *Rodrigo e seus tempos, Coletânea de textos sobre artes e letras*, Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, 1986.